

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 17 de maio de 1903

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



A NOSSA GRAVURA

Pertence ao lapis do grande Bordallo Pinheiro esse desenho que ali fica e que conseguimos de s. ex.ª para se pôr em pratica no lago do Jardim Publico.

Veio já tarde, de maneira que foi prejudicada a sua execução completa. Unicamente se levantou o acascata, do, que, para obedecer ao desenho, precisa ainda da vestidura de plantas aquaticas, que vae receber.

O resto—conforme as posses da burra municipal—se completará no proximo anno.

O desenho do genial artista—que estava feito a lapis—foi copiado pelo nosso amigo Padre Augusto Cunha, que mais uma vez manifestou as suas libeis aptidões artisticas.

BOA PIADA

Ha dias um cavalheiro nosso amigo, do cabelle d'Espozende, perguntou ao Antoninho Mattos se tinha em casa algum barometro.

Este nosso amigo, que é muito boa pessoa, mas pouco forte em conhecimentos de physica, respondeu-lhe promptamente, mas quasi meio desconfiado:

—Sim, senhor, tenho no armazem. Inda hoje o fui *carregar*.

—O quê?! Então o senhor *carrega* o barometro?

—Pois então! Se o não *carregasse* não dava luz.

—Ah! ah! ah! ah!, isso é um gazometro, homem! e não um barometro.

Nós, que outravamos no café n'essa occasião,

explicamos ao Antoninho que barometro é um instrumento de dar luz... sobre o tempo.

—*Elle*, a coisa sempre dá luz, concluiu o Antoninho, com ares de victoria.

Corre com fóros de anecdota o seguinte caso que vamos relatar, mas de que nós garantimos a veracidade, pois foi-nos contado por um nosso intimo amigo, em quem depositamos toda a confiança.

Um *gabiru* de S. Martinho d'Alvito foi a Santa Maria de Gallegos encommendar uma imagem para a igreja da sua freguezia.

O *esculptor* perguntou-lhe se queria o santo vivo ou morto.

—Eu não sei, mas faça-o vivo e se lá o quizerem morto, que o mateu!

Theatro Universal

Quasi todas as noites temos assistido aos espectaculos que se têm realisado no barracão do Campo da Feira.

São verdadeiros espectaculos de galhofa que obrigam o espectador a conservar-se em quasi constante hilaridade.

Para isto concorre não só a natureza alegre das pequenas peças que constituem o repertorio da companhia, mas tambem os pittorescos apartes que, usando d'uma liberdade perfeitamente comprehensivel n'um barracão, alguns espectadores costumam pronunciar quando a occasião se lhes depara propicia.

Em todos os espectaculos ha uns exercicios de prestidigitacão pela artista da companhia, Maria Gomes.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL

Temos na nossa Typographia a reproducção em magnifica gravura da medalha com que foram premiados alguns expositores, e que serve para imprimir em trabalhos typographicos, como facturas, envelopes, bilhetes postaes, etc.

A nossa imprensa alcançou a medalha de *vermeil*. Por isto: parabens a nós mesmos.

Entre os productos expostos na parte agricola da Exposição Industrial distingue-se esplendidamente o vinagre do nosso illustre amigo Jeronymo Monteiro—já pela elegancia dos frascos onde contido, já pela sua distincta côr, que recorda á nossa imaginação um pôr do sol de tintas carregadas, d'um vermelho essencialmente retinto, no momento em que o astro-rei já sem as brilhantes fulgurações luminosas com que durante o dia aqueceu a terra, vae desaparecendo lentamente, a pouco e pouco, esvaindo-se, até se perder, lá ao longe, nos confins immensos do horizonte longinquo...

Quanto ás demais propriedades do maravilhoso vinagre, estão perfeitamente em relação com o magnifico aspecto da sua côr.

E, por fim, diremos aos nossos leitores que Barcellos se vae tornar, em pouco tempo, um importantissimo centro commercial, pois de todas as partes do mundo, principalmente de Roma, vêm chegando diariamente encomendas importantes do já famoso vinagre.

Ao nosso amigo Jeronymo Monteiro um cordial apêto de mão pela sua importante descoberta.

O barbeiro Carvalho foi processado por ter assassinado uma pulga na sua loja.

Todo o rigor da justiça será pouco para punir tão grande criminoso.

ESCANDALOS!!!...

Com tres pontos de admiracão e reticencias julgamos não exprimir bem a indignação que nos lavra no fundo da nossa alma pelas noticias horrivelmente sensacionaes que, quando postas em letra redonda, hão de produzir cabellos brancos no espirito sensivel dos nossos leitores.

E' preciso que a imprensa saiba desempenhar a missão que lhe incumbe perante a sociedade, isto é, flagellar o vicio sordido e a desfaçatez inaudita e impudente com as vergalhadas da mais rigida justiça.

Não é só nos pequenos, nos ignorados, nos humildes, que a justiça dos homens se deve manifestar.

Os ricos, os grandes proprietarios e capitalistas que possuem quantias para comprar as consciencias sabujas, não hão-de comprar a nossa liberdade de manifestação.

Por isso, no proximo numero porêmos a claro o que deixamos entrever nas entrelinhas d'este *suelto*.

Temos a certeza de que os nossos leitores ficarão horrivelmente impressionados com a narraçào dos casos horrorosamente patheticos a que nos vimos referindo, pois taes factos são completamente ignorados.

E para nós não valem empenhos!

Apontamentos a lapis

Estiveram n'esta villa os srs:

Manoel Gibrão, que tratou da organisação d'um corpo de policia.

—José Duarte, que inspeccionou as armas de pederneira que se encontram na administração do concelho.

—João Silva, que fez um estudo com referencia á molestia que atacou as laranjeiras que se encontram na cerca da Santa Casa.

—Miguel Lemos, que teve uma conferencia com o Bento Roda sobre as aguas sulphurosas do penedo do enxofre.

—Jayme Vallongo, q'è estudou a applicação na Nacha de um seu remedio para a cura do mal da lingua.

A LAGRIMA

JOAQUIM LEITE—DIAS NEIVA

Em Amarante e Torres Vedras foram dados os nomes dos nossos illustres patricios Joaquim Leite e Dias Neiva a ruas d'aquellas povoações.

O primeiro é muito conhecido pelas larguezas do seu bello coração e pelas suas qualidades de espirito e d'artista respectivamente evidenciadas na Misericordia d'aquella villa e na casa de Freitas, cheia de commodidade e de bom gosto, onde ultimamente esteve hospedado o sr. D. Affonso.

O segundo, proprietario do estabelecimento thermal dos Cucos,—no genero um dos primeiros da Europa—tem, como aquelle cavalleiro em Amarante, as consagrações dos habitantes de Torres Vedras.

Parabens a s. ex.^{as} e á nossa terra, que os conta no numero de seus filhos dilectos.

E' realmente curiosa a collecção d'objectos antigos que o Cagalhufas tem comprado no nosso concelho.

Entre outros, já tem os seguintes em exposição na sua loja:

A móca do Rozendo de Villa Cova, que obrigou muitos eleitores a irem á urna.

Um cão com que o José Affonso, da Alheira, ia ás trutas e que pela sua avançada idade (conta 78 annos) se acha actualmente reformado.

O primeiro jumento montado pelo Joaquim Oliveira, da Izabellinha.

Uma das vassouras com que os camaristas de Espozende vinham varrer as ruas e açougues de Barcellos e que pertencia ao avô do Espan-taleão Bento da Rocha Calhau.

Um cavalleiro d'esta villa, muito conhecido e estimado, deitou-se, n'uma das noites passadas, pacatamente, socegadamente, bem longe de acreditar nos vulgares preconceitos que phantasiam bruxas em cada sombra, e *duendes* em cada esconderijo. Entrou no quarto, despiu-se, fez a operação que quasi todos naturalmente fazem, envolveu-se pachorrentamente nos cobertores, e, desenhado e tranquilo, apagou a luz. Morphen não se demorou a visitá-lo.

A noite foi-se rapida, n'uma placidez morna e lethargica.

Nada de extraordinario em toda ella.

De manhã levantou-se, abriu a janella, percorreu a vista pelo quarto, e... *mirabile dictu!* caso extraordinario! assombro, espasmo, mystificação, artificio de fadas, bruxedo, enguigo!!!... o vidro do candieiro pendia a um lado, o bocal a outro, tu lo bem disposto, com o de-n, e no deposito do petroléo encontrava-se substituido o oleoso conteúdo por uma dissolução natural de acido urico...

E a porta e as junellas do quarto fechadas!

Sonhos! Sonhos!

Ha tempos vinham do Porto o nosso amigo sr. Garrido e seu galante filho.

Deste, o maior prazer era vir com a cabeça fora do vagon, do que seu pupá não gostava, por lhe poder cair o chapéo.

Para lhe metter medo, de que se havia de lembrar o nosso amigo?

Vae por traz, tira-lhe o chapéo, faz que o deixa cair e diz-lhe:

—Vês, Luizinho? Lá foi o chapéo... Agora, assobia para elle voltar p'ra cima.

O pequeno assobiou e o chapéo apparece-lhe na cabeça...

Luizinho ficou intrigado com tal phenomeno e esperou que o papá se retirasse, para experimentar.

Effectivamente, quando elle se affastou, a galante criança deixa cair o chapéo e põe-se a assobiar.

O nosso amigo, vendo a insistencia com que elle o fazia, perguntou-lhe porque estava a assobiar ha tanto tempo.

—Oral para que hade ser? Fui eu que deitei o chapéo á estrada e estou a assobiar para elle vir, mas o maleriado ficou acolá...

—Mora n'este concelho um curandeiro, que não diz absolutamente a ninguem o estado dos seus enfermos, nem permite que as suas familias o façam; e, apesar d'isso, ninguem o ignora, pelo seguinte motivo:

Em todas as suas receitas, indica sempre a côr do papel, em que quer que sejam embrulhados os preparados que formúla, servindo-se para isso do seguinte simbolismo:

Verde—esperança.

Azul—esperança perdida.

Amarello—desespéro.

Etc. etc. etc.

E' curioso...

Ha dias fizemos as seguintes perguntas a um cavalleiro d'esta villa, que não teve capacidade ou raciocinio—nem sabemos o que—para responder:

—De que côr é o pello d'um cavallo preto?

—Quantos são metade do dobro de 18?

São problemas de resolução difficilima...

Secção dedicada ás criadas de servir e por ellas collaborada

Por causa do tempo invernosso d'esta ultima quinzena não se tem podido realizar a eleição da presidenta.

Tem-se passado, todavia, factos importantes que a falta de espaço nos inibe de relatar. No proximo numero, porém, daremos informações amplas e completas—e pela demora, não perderá o illustre *sociedade*.

Noticias diversas

Foram verdadeiramente desastrosos os danos produzidos pelos ultimos temporaes.

Raro é o barcellense que se não queixa de ter soffrido algum prejuizo—ou causado pela chuva, ou pelo vento, ou pela trovoad, o que é certo é que todos levaram p'ra tabaco.

O Paes de Faria, quando ia passeiando socegradamente pela Rua Direita, viu-se de repente, arrebatado pelos vertiginosos furoros do vento e collocado no telhado do nosso amigo Martins Antunes. Por signal que este cavalheiro, julgando pelo ruido que ouvia que tinha ladrões a querer assaltar-lhe a casa, chegou a mandar um criado dar com uma tranca no imprevidente visitante. O Paes de Faria, no cumulo da atrapalhação só dizia: não fui eu, não fui eu.

N'isto, nova rajada de vento levou-o novamente pelos ares e Paes Faria foi dar com os costados ao telhado do nosso amigo Joaquim Martins. N'aquella occasião achava-se toda a familia a resar uma novena a S. Francisco e quando ouviram aquelle ruido inesperado em cima do telhado, julgaram que era Belzebuth que lhes ia perturbar as rezas. Chegou a haver desmaios.

Veio, porém, outra ventania e Paes Faria foi ter á torre do Senhor da Cruz, fazendo com o impeto da entrada, tocar o badalo no sino grande. Aqui, porém Paes Faria, agarrou-se com toda a força ao badalo do sino e conseguiu livrar-se assim dos furoros da ventaneira.

—O Baião assistiu a um curioso phenomeno; assegurou-nos, sob a sua palavra d'honra, que na noite de domingo vira os lampeões da ponte a tremer como varas verdes, com medo da trovoad.

—O Mineiro ia sendo partido por um raio. Na sua opinião foi praga que lhe rogou qualquer seu inimigo.

—O se João funileiro, da Nogueira, tem muito medo da trovoad. Outro dia, estava na cama e ouviu surdos ruzões pelos astros. Levantou-se apressadamente, veio para a loja e poz-se a fazer tal barulho com as latas que a trovoad desapareceu promptamente. Na opinião d'aquelle nosso amigo, aquillo é remedio infalível.

—O Zé Lisboa sahia do Theatro Universal no fim do espectáculo, cerca de meia noite sobraçando o baião que tanta celebridade lhe tem dado, no momento preciso em que o ribombar do trovão mais fortemente se manifestava. Não esteve com *meias melidas*: tratou de fazer côro com a musica dos astros imitando no baião o sussurro da trovoad. Aquillo, na verdade, tinha graça: o trovão a estalar de cada vez mais forte e Zé Lisboa, pelo Campo da Feira, impassível: pó-pó po-pó pó-pó-pó.

Notas da quinzena

Tivemos uma quinzena das mais pavorosas em agua, desde que ha memoria em gentes da nossa terra.

Chuveiros ininterruptos, pertinazes, atormentaram todos aquelles que esperavam cheias de sol e de vida as festas tradicionais de Barcellos.

Tudo andou fóra de si, O Cavado saltou fóra do leito.

Nuvens espessas, coaguladas como grandes Franqueiras de sebo, amortalharam o Céu.

Frieiras coccidentas acudiram janeirosas ás mãos do Manoel Miranla e do Adolpho Cibrão como se fossem precursoras do Inverno!

Cairam com grande estardalhaço enormes pedraceiras sobre os vinhedos e rosaeis.

O vento abanou as casas e fez desibar projectedôres projectos.

Não foi uma quinzena mas um diluvio.

O programma de Cruzes alterou-o o Tempo.

Ao romper d'alva de 2 de maio uma salva de alguns ribombos de trovoad, atormentaram os nossos ouvidos.

Desceram á terra descargas electricas de grande poder illuminante.

Durante o dia as musicas e fortes bategas d'agua, deram á villa um aspecto pouco vulgar.

No segundo dia, feira franca, chuva em penca, festa d'egreja, ventania d'arrazar, certamente muzical e abertura da exposição.

4 de maio! Aguaceiros continuados, prolongação da feira, trovoad, corrida de garranos, caída de pedraço, fogo preso e do ar, enxurrada e illuminação.

Não foi uma quinzena de maio—de Maria e de rosas—mas uma *cheia!*

Das festas, a exposição agricola, pecuaria e industrial, salvou se n'uma taboinha.

Não foi o que devia ser esse certamente, mercê do vento, da chuva e da trovoad.

No entanto deu-se um balanço ao concelho, que acusou no quociente uma verba de favor.

Faltou o concurso da ceramica pittoresca. Os paliteiros, as bandas de muzica, os mealheiros, os monstros anediluvianos, emfim todo esse cortejo de interessantissimas peças, que tanto merecimento têm pela feição que as caracteriza.

Não foi uma exposição, mas meia exposição.

Viu-se, no entanto, que ellas não são indifferentes á curiosidade, á observação, ao estimulo de todos.

A exposição de 1903 foi um ensaio que correu bem. Honra para nós e para quem a pôz em pratica.